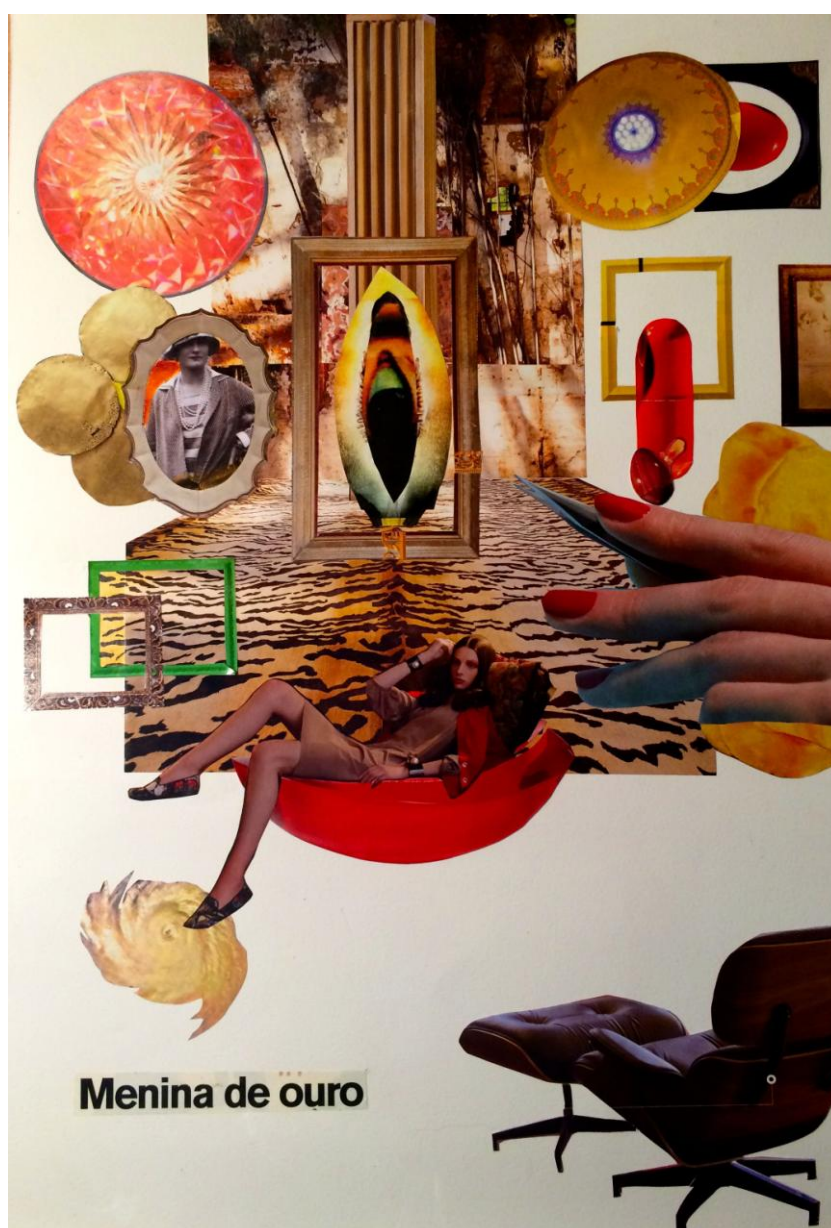




Cláudia Roquette-Pintoⁱ



Menina de Ouro, Cláudia Roquette-Pinto

Angico

De tão completamente acesas
as ramas amarelas evocam
o mais reles dos chavões: velas,
chamas, labaredas.
Mas não: sendo a si mesmas,
são elas ainda mais raras
que a mais rarefeita metáfora
da minha lira altissonante.
Isso, fora o agravante
(coisa que não admira)
de que, na espuma âmbar
que seus galhos lançam no lago
(como afago ou como látigo,
mas sempre na culminância
de todo um pensamento),
antes que caia a tarde
uma multidão errante
de insetos e outros entes
(além, é claro, do eventual
pássaro-visitante)
podem vir zampar
_ enquanto aqui,
nesta página branca,
em rigidez acachapante
(e macroscopizadas por lente)
as flores flavas nas ramas amarelas
não passam de uma enfadonha
série de *e's*, de *l's*, de *a's* ...

(sem título)

Com a força aspirante de uma queda,
senti toda a paisagem esboroar,
a pedra e seus limites diluídos
- e vi que tudo em mim tinha ruído.
Caía, mas pra dentro, corpo adentro,
em tombo lento e tanto mais difícil
quanto mais me esforçava por detê-lo.
Um pesadelo, digno de Alice,
em queda livre a toca do coelho.
Caía como um prédio que implodisse
à própria revelia, quando tudo
a que aspirava é construir-se
(e fosse esse o último pedido).
Enquanto isso, espiralada, eu ia
descendo pelo tubo. Caía
como se nunca tivesse antes caído.

Mais cedo ou mais tarde eu aterrisso.

Serra da Bocaina

Perder-se entre as coisas não é de todo mau.
Ao menos, intervala o pensamento
enquanto o vento desce, estival,
sobre copas e telhas,
convencendo as abelhas a mudar de rumo
e _ cúmulo da coincidência _
abandonar a colméia.
A incidência de fugas costuma
ser pequena, mas
o vento é eloqüente.
Traz, voando, a semente
dessa mesmíssima idéia,
e por mais que ela pareça ser o sumo da tolice,
vem plantá-la em minha mente
(e quem disse que de lá
alguém consegue tirá-la?)
Como quem não quer nada
o vento despetala
os maços da quaresmeira.

(sem título)

De uma hora pra outra fecharam meu céu.
Carcaças a caminho da floresta.
E não resta uma nesga de azul
à passagem dessas paquidérmicas
nuvens, em seu tropel errático.
Elefantes (dizem os hindus)
se domados, são um presente
de reis. Selvagens, porém,
(e nisso se parecem com a mente)
tendem a agir como lunáticos.
Podem, até, destruir um vilarejo.
Vejo (enquanto divago)
que o tempo já tingiu de cinza e preto
o largo
ventre nu
no qual, girando
- ao que parece, às cegas -
um punhado de andorinhas roça.
Sento-me à sombra dessa dúvida,
até que as cócegas desatam
pingos de uma chuva grossa.

(sem título)

O tempo fechou. Faz frio.

(Os dias todos não podem ser de sol).

Arrasto meu esqueleto tardio porta afora

até o nicho mais furtivo

da indolência,

e sou um bicho

- solitário,

arisco,

sem remédio.

É tudo um risco:

sentar-me aqui, com o hibisco

roxo e ríspido, a perfurar o céu

ou molemente divagar

perto do lago.

Imagem ou Imago,

tanto faz.

Já não me comovem tais assédios.

De início,

quando o mundo ainda era nítido

- e tudo se quedava oferto,

explícito –

a solidez das coisas me enredava.

Mas fui confundindo o fio

com a meada

e agora o panorama é um tanto pífiio.

Agora não há brilho que me cegue.

Nem mesmo minha sombra me persegue

se todo passo dá no precipício.

ⁱ **Cláudia Roquette-Pinto** nasceu no Rio de Janeiro em 1963. Graduiu-se em Tradução Literária pela PUC-RJ. Dirigiu, de 1985 a 1990, o jornal cultural *Verve*. Publicou cinco livros de poesia, um volume de prosa infanto-juvenil e, mais recentemente, "Entre Lobo e Cão" (Ed. Circuito, 2014), de colagens e trechos em prosa.